



Cordel e Comunicação: Uma Análise a Partir dos Cordéis do Poeta Gonçalves Ferreira da Silva¹

Franklim Drumond de ALMEIDA²

Jefferson Cirino DUARTE³

Sônia Maia Teles XAVIER⁴

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Coronel Fabriciano, MG

RESUMO

O presente trabalho investiga a Literatura de Cordel como meio de comunicação alternativo e sua importância no processo comunicacional. Objetiva-se compreender os fenômenos comunicacionais e culturais, a partir da obra do poeta Gonçalves Ferreira da Silva. Por meio do método de análise de conteúdo, analisa as obras do poeta a fim de verificar como ele utiliza sua narrativa para transpor as notícias produzidas pela *mass media*, em específico pela Revista Veja, para o cordel, e, por fim, analisar a relevância do método folkcomunicação como elemento de comunicação. Como marco teórico, foram utilizadas, principalmente, obras de Bakhtin, Luyten e Beltrão. O método análise de conteúdo foi utilizado para verificar as relações que se estabelecem entre os meios de comunicação convencionais e o cordel noticioso do poeta Gonçalves.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel; Gonçalves Ferreira da Silva; Mass Media; Folkcomunicação.

Considerações Iniciais

Falar, escrever ou investigar sobre a Literatura de Cordel é penetrar em um terreno meio movediço, pelo fato de tratar-se de uma literatura considerada, de certo modo, marginal. Apesar de, por muito tempo essa visão prevalecer, nota-se atualmente uma mudança a esse respeito. As pesquisas sobre o cordel têm-se intensificado não só no Brasil, mas em várias partes do mundo, como assegura Curran (1991) em *A Literatura de Cordel: Antes e Agora*.

Para compreender o processo de transmissão da cultura do cordel, seu desenvolvimento, importância, função informativa, bem como se apresenta e interfere no meio em que interage e se manifesta, é preciso entender como surge, se constitui e o que representa para os seus usuários.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Publicidade da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação. Evento componente do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo/SP.

² Estudante de graduação do 7º período do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste-MG. E-mail: franklimdrumond@hotmail.com

³ Estudante de graduação do 6º período do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste-MG. E-mail: cirino.cultura@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste-MG. E-mail: sonteles@yahoo.com.br



Nesse trabalho será observada a obra de Gonçalo Ferreira da Silva, para estudar a relação do cordelista com os meios de comunicação de massa. Aqui, entendemos o cordel como manifestação artística popular, espontânea e flutuante de região para região, como uma forma de expressão genuína de cultura popular. Assim sendo, está no embrião de nossa pesquisa a cultura popular como o conjunto de mecanismos artísticos de expressão do sentimento humano (emoções, vontades, preocupações, inquietações), e seu processo de transmissão.

Expressão realizada em vários meios e sobre vários assuntos, o cordel tornou-se objeto de estudo para a área de comunicação como um meio folkcomunicação⁵. A Literatura de Cordel (LC) será abordada nesse trabalho sob essa perspectiva. Ao final, faremos uma análise comparativa entre dois cordéis de Gonçalo e a abordagem da revista *Veja* sobre a Chacina da Candelária e o Massacre de Eldorado dos Carajás.

Examinaremos a relação de encontro entre a necessidade de informação do povo e a leitura e invenção dos cordelistas, percebendo não só o caráter informativo dessa literatura, mas tentando observar seu valor político e cultural que “já não só abre às classes populares o acesso à cultura hegemônica, mas confere a essas classes a possibilidade de fazer comunicável sua memória e sua experiência.” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 154).

1. Cultura Erudita X Popular

Quando da formação de classes e do próprio Estado Nação, como o conhecemos hoje, há uma separação entre a cultura de elite e a cultura popular. A separação no âmbito cultural ocorreu paralelamente à separação social, quando se estabelece que há uma pequena parcela (burguesia) que deve gerir o sistema público. É preciso tornar visível esse *direito*, materializado na posse do título acadêmico e na arte. Já no século XVIII, essa separação é mais explícita, como afirma Luyten (2007, p. 21),

até então, toda a cultura não-latina era comum tanto a dominantes – nobre e cortesões –, como ao povo propriamente dito. Com a revolução industrial e a tomada do poder por uma espécie de classe média da época, houve uma tentativa, da parte desta, de alcançar não

⁵ Folkcomunicação: Teoria criada por Luis Beltrão em sua tese de doutoramento. Definido como o “processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias, e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. (BELTRÃO, 1971). Atualmente foi o método é definido por Hohlfeldt (2002), como, “estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se socializam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada, ou se modificam quando apropriadas por tais complexos”. (CASTELO BRANCO, 2008).



só o poder, mas aspectos culturais antes em mãos exclusivas dos poderosos que acabavam de cair.

Nessa busca pelo poder assimilado pelo modo de vida, a burguesia torna a cultura um valor, ou seja, o conjunto de relações e expressões da sociedade “que só alguns têm ou podem aspirar a ter” amplia a “exclusão, pois a verdadeira cultura se confunde com educação, e a educação superior – artes e humanidades – ficará reservada aos homens superiores” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 121).

Antes de se estabelecerem os termos e as manifestações populares começarem a ser estudadas, a cultura era integrada como expressão da porção da população em que se manifestava. Com a invenção da Imprensa por Gutemberg em 1450, as correntes protestantes promoveram, com mais recursos, a leitura e circulação de textos religiosos entre seus membros e a nobreza. Com a Reforma, a exclusividade da Igreja Católica foi perdida e o mundo se abriu para o pensamento e a iluminação por meio dos livros. Aqui já se inicia a separação entre cultura erudita ou letrada, e popular, fruto do confronto de ideias entre povo e clérigos. Essa separação se dá principalmente nas manifestações populares. A festa popular passa a ter um caráter paródico e não complementar à festa religiosa e cívica. Na primeira, há a celebração das mudanças nas estações, da colheita, do nascimento e da morte, ou seja, dos acontecimentos que o povo experimenta. Na segunda, ocorre uma forte tendência à rememoração, ou à exaltação de atos passados, assim como a comemoração de pessoas. A festa erudita não tem um caráter de expressão atualizado, mas de repetição, o que é negado pela cultura popular que atualiza sua festa no contexto em que se encontra.

O pragmatismo com que os populares enxergam o mundo é o que lhes permite adaptar sua expressão, procurando sempre a superação e a intensidade proposta por cada momento. Assim como o popular é separado da expressão cultural religiosa, a formação do Estado legitima protocolos para realizar seus atos como forma de tornar visível sua estrutura.

Para se organizar e fortalecer, o Estado foi aos poucos se separando da Igreja, ou usando da relação com ela para se manter independente. Contudo, vai se fortalecendo a dualidade entre a celebração popular e a celebração religiosa. A primeira acompanhava o calendário da segunda, sempre parodiando seus atos e rituais. Bakhtin (1999, p. 5) nos assegura que mesmo antes da imprensa



A dualidade na percepção do mundo e da vida humana já existia no estágio anterior da civilização primitiva. No folclore dos povos primitivos encontrava-se, paralelamente aos cultos sérios (por sua organização e seu tom), a existência de cultos cômicos, que convertiam as divindades em objetos de burla e blasfêmia (‘riso ritual’)

Essa dualidade entre o que é celebrado oficialmente e livremente cresce durante a idade média e tem sua expressão máxima no estabelecimento do carnaval, como despedida dos dias de festa (livre e popular) para entrar na celebração oficial da quaresma cristã. Já nesse período as festas populares e também as expressões rurais têm um caráter externo à cultura da cidade e promovida pelas poucas instituições de ensino. Essas festas populares organizam um “segundo mundo e uma segunda vida aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas”. (BAKHTIN, 1999, p. 4s)

Com a ascensão da burguesia, a cultura se legitima e se torna um valor. Esse valor, restrito aos que têm recursos para desenvolvê-lo seja na diplomação ou adquirindo obras de arte, é assegurado na medida em que o sistema classista é implantado.

A cultura popular é vista como cultura de massa, pois é padronizada para a maioria. O termo popular nasce como designação para o comportamento externo à nobreza, que carregava referências do campo e das primeiras populações urbanas, ocupando o interesse dos pesquisadores para entender como essas comunidades se integravam e interagiam.

A separação cultural, segundo Bakhtin, ocorre porque a separação de classes contempla internamente uma cisão de ideias e objetivos, tornando

impossível outorgar direitos iguais a ambos os aspectos, de modo que as formas cômicas – algumas mais cedo, outras mais tarde – adquirem um caráter não-oficial, seu sentido modifica-se, elas complicam-se e aprofundam-se, para transformarem-se finalmente nas formas fundamentais de expressão da sensação popular do mundo, da cultura popular.(BAKHTIN, 1999, p. 5)

Essa cultura diferente da instalada pela política (o Estado) vai perdendo força representativa e é relegada a uma existência que se caracteriza pela negação a si mesma, pois é uma barreira para o progresso.

2. Literatura de Cordel



2.1 Origem

A literatura de cordel tem sua origem na oralidade dos poetas nômades que viajavam de cidade a cidade levando notícias e novidades. Essa tradição remonta aos rapsodos gregos e a poesia criada por eles, que muitas vezes era adaptada ao público.

Pertence à tradição oral por ser a materialização de uma forma de narrar que se tornou característica no ocidente, especialmente na França e na Península Ibérica. O cordel obedece a uma categorização de Bernard Mouralis (1982, p. 44) por apresentar as características da literatura oral, “esta não é uma transmissão de uma herança antiga e estática, mas uma criação e uma recriação perpétuas por contaminação, transferência e invenção”. Essa literatura é uma manifestação recreativa, que atinge seu público continuamente e por suas características é absorvida. Também é transferida pelos poetas cantadores aos outros e oferece oportunidade de troca nos desafios de repente⁶.

O surgimento da literatura de cordel está intimamente ligado à transmissão de notícias e acontecimentos entre os pontos de circulação da Europa. Esses pontos eram os destinos das peregrinações católicas em Roma, Santiago de Compostela e Jerusalém, sendo que para chegar ao terceiro era preciso embarcar na França. Essas rotas de peregrinação se tornam o lugar onde se desenvolve a literatura popular, pois tornam acessíveis aos moradores as informações de outros lugares. Segundo Luyten (2007, p. 20), isso é possível pela concentração dos “poetas nômades (entre as raras pessoas que tinham locomoção livre), que funcionavam como verdadeiros jornalistas, contando as novidades e cantando poemas de aventuras e bravuras”. É a circulação desses poetas andarilhos que leva a “manifestação leiga independente do sistema de comunicação eclesiástico.” Uma manifestação caracterizada, “sobretudo por ser uma linguagem regional e não ser feita em latim, que naquela época era a língua oficial de toda a Europa cristã” (LUYTEN, 2007, p.18). Essa manifestação que se opõe à literatura oficial religiosa se desenvolve em conjunto com a outra. De certo modo, as duas conviviam de modo complementar.

Nessa época, a literatura de cordel nasce como mediadora da necessidade de registrar a produção oral, ainda que não esteja presente nas “bibliotecas e livrarias de seu tempo. Foi, contudo, a que tornou possível para as classes populares o trânsito do

⁶ Improvisações de poetas, geralmente cantadores, a sós ou em duplas, que encantam os ouvintes com a rapidez da formação dos versos e da certeza com que os exprimem. (Luyten, 2007, p. 28).

oral ao escrito, e na qual se produz a transformação do folclórico em popular”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 154). Sua origem está na cidade de Troyes onde

se produziu uma parte importante desta literatura (...) no final do século XVI, tipógrafos da cidade acima mencionada – os Oudot e os Garnier, nomeadamente – têm a idéia de publicar, limitando ao máximo as despesas de fabrico (madeira sem viço, caracteres já usados, papel medíocre que absorve tinta), romances medievais e vidas de santos que vão adaptar e simplificar de modo a obter textos relativamente curtos e de fácil acesso. O êxito obtido por estas primeiras tentativas levam os escritores a alargar o leque das suas colecções que bem depressa irão compreender os mais diversos títulos. (MOURALIS, 1982, p. 45)

O registro de Mouralis demonstra que já no seu nascimento, a literatura de cordel foi feita para a classe com menor poder econômico. Essa objetividade que teve grande êxito, justamente por falta de concorrência, visto que a produção literária era quase que absolutamente religiosa. Se desenvolveu largamente, contemplando vários temas e oferecendo informações diversas. Continha também os diversos temas tratados na literatura letrada, muito ligada à religiosidade, com a vantagem de que “o próprio homem do povo imprime suas produções, e do jeito que ele as entende”. (LUYTEN, 2007, p. 44). Mas não só esse caráter de produção é que garante o encaixe da LC como cultura popular. “Os assuntos tratados, a função do poeta e a filosofia empregada”. (ASSARÉ, 2000, p. 25) garantem essa identificação.

2.2 Peculiaridades

A forma como é escrito “em geral a sextilha hexassilábica ou a décima heptassilábica de rimas contínuas, parece ser mais a expressão de uma técnica de memorização que a expressão de uma forma poética erudita, a serviço da transmissão de um “saber simbólico: ciência, cultura popular, tradição.” (ASSARÉ, 2000, p. 13). Nessa afirmação, o autor deixa claro o caráter oral do cordel, fácil de ser aprendido.

Os folhetos como conhecemos hoje são sempre múltiplos de quatro, pois derivam da divisão de uma folha tipo sulfite em quatro partes. Normalmente têm 16 páginas, mas podem chegar até 32, dependendo do autor e do tema.

O nome cordel advém da forma de exposição na Península Ibérica. Lá eram pendurados em cordas, como roupas em varal. No Brasil, é normalmente exposto sobre mesas ou malas abertas, o que facilitava a fuga em caso de rondas policiais.



2.3 Cordel X Comunicação

A LC como obra de arte criativa, transmite aquilo que é cantado, narrado e improvisado na relação entre cantador e público. Nessa relação há a troca de ideias, sentimentos e principalmente do olhar dos que participam da criação. Uma relação que é criada na partilha do mesmo modo de ser. Esse modo de criação partilhado permite que não exista “um público receptor, um grupo emissor ou um canal transmissor em si mesmo. Os vários fatores da comunicação operam interligados, compõem a estrutura de um sistema” (BOSI, 1986, p. 50). Esse sistema cultural que exprime o modo de ver, sentir e viver de um povo tem a LC como seu objeto ou meio material e de registro. É parte dos instrumentos que os populares têm para preservar sua identidade e pelos quais, como escreveu Edison Carneiro citado por Beltrão (1971, p. 47), as camadas populares

organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram educação, recreio e estímulo, dão expansão aos seus pendores artísticos e, afinal, fazem presente à sociedade oficial as suas aspirações e as suas expectativas... Elemento de aproximação e coesão, o folclore serve de tribuna, é um comício com que o povo se faz ouvir pelas classes superiores... em manifestações que refletem o seu comportamento em face das relações de produção vigentes na sociedade, como o registro e o comentário dos fatos da vida cotidiana.

Nesses meios a comunidade popular pode registrar o que vive, como se relaciona com a carestia, com o sofrimento, a morte, a seca, as violências que sofre, suas festas e o mundo que a cerca.

Principalmente o lugar onde vive e o que acontece fora de seu terreiro, os fatos de outras localidades, que se tornam histórias e vêm carregados pela forma de narrar do cordelista que

permite ao leitor estabelecer uma relação entre os textos e os lugares evidenciados nos poemas sempre sob o olhar, a perspectiva do cordelista que escreveu a poesia de cordel, especialmente tais lugares, ao serem retratados em seus versos, ficam impregnados da essência do enunciador” (RUFFINI, 2009, p. 41).

O cordelista como o difusor de sua arte é quem cria valores para as coisas e lugares que narra, podendo criar no entendimento do seu público imagens mentais daquilo que enuncia. Porque seu anúncio vem carregado de opinião, e não só informa ou distrai. A poesia de Cuíca de Santo Amaro, estudado por Ruffini, é mostra disso, pois fomenta “discussões e questionamentos e isto fazia com que seu leitor não só saboreasse a notícia dada por ele, como também refletisse sobre ela”. (RUFFINI, p. 51). Esse poder



é o que caracteriza o cordel ao mesmo tempo como literatura e meio de comunicação, em que o leitor frui e recebe informação, mantendo sua mente aberta ao novo.

Os temas que trata constituem-na como meio de interação social, e isso nos interessa como comunicadores. Vamos tratar do *outro grande filão da literatura de cordel* que “são os acontecimentos, especialmente relatos de crimes, nos quais o pliego⁷ lança as bases daquilo que mais tarde seria o jornalismo popular. É nesse horizonte que a LC pode ser estudada como folkcomunicação, pois é

entendida como a comunicação por meio do folclore, comunicação em nível popular, que se refere ao povo e não utiliza dos meios formais de comunicação. Estes estudos centram-se em manifestações que utilizam ‘mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural. (MARQUES DE MELO apud CASTELO BRANCO, 2008, P. 110)

O valor desses meios de comunicação está em integrar os veículos de expressão popular capazes de receber informações externas e serem inseridas nesse meio, para fazer com que essa comunidade seja integrada à nação. A releitura dessas mensagens, realizada pelo poeta “é um trabalho jornalístico de paixão, de calor, de integração com o pensamento e as necessidades do público. Daí a sua aceitação”. (BELTRÃO, 1971, p. 150). Nesse ponto é que o estudo da LC se justifica, pois pela aceitação que tem do público, e a forma com que realiza essa proeza interessa à publicidade. Com as correntes contemporâneas de valorizar a identidade dos grupos e especializar produtos para atendê-los, a comunicação (propaganda) desses produtos também procura ser a mais segmentada possível.

A primeira característica que devemos observar é o repertório. A LC é aceita por carregar a identidade dos ouvintes e ser de fácil compreensão. Outro ponto é a criação de imagens, obedecendo à evolução da publicidade, que tem se voltado cada vez mais para o estudo dos discursos das imagens. Outro ponto norteador é a continuidade que garante o relacionamento entre o emissor e o receptor, num diálogo aberto. E por último, a novidade. O cordel leva informações atuais ao público, mesmo que as plataformas sejam as mesmas (herói proibido de namorar a musa, dentre outros). Essas histórias são renovadas com mudanças no contexto ou nas causas dessa proibição. Essas quatro características: adequação ao repertório do público, ambientação por meio de

⁷ Folha soltas do espanhol Pliegos sueltos eram folhas impressas em verso sobre determinado assunto, assim como os folhetos, mas com menor tamanho.



imagens, continuidade e a novidade, que atualiza suas peças com os fatos vividos pela comunidade.

A opinião que acompanha a narrativa é um processo de comunicação incorporado na comunidade, que espera uma visão, semelhante a sua, sobre os fatos. Por isso, esses processos “produzem os mais decisivos efeitos no ânimo e no comportamento da massa, apática às solicitações do jornalismo ortodoxo.” (BELTRÃO, 1971, p. 15).

Sua capacidade de informar está primariamente ligada à necessidade de expressão e relacionamento com o mundo, e em segundo plano está ligada à necessidade de informação. Afinal, “é que a comunicação em nível popular, na realidade, significa troca de informações, experiências e fantasias de analfabetos ou semi letrados com seus semelhantes.” (LUYTEN, 2007, p. 24). Vamos observar na obra de Gonçalo Ferreira da Silva essa forma de relacionamento contratual entre o poeta informante e o público produtor e expectador de novidades.

3. Gonçalo Ferreira da Silva: O Cordelista

Nasceu em Ipu, em 1937. Sua obra é legítimo exemplar da diversidade da produção em Literatura de Cordel e destaca-se pelo rigor métrico e pela diversidade de que trata, tendo cordéis traduzidos para idiomas como francês e japonês. Com mais de duzentos folhetos editados, e como fundador e presidente da ABLC⁸, Gonçalo é um dos grandes expoentes dessa literatura no Brasil. Como atesta o ex-ministro das Relações Exteriores, Rubem Amaral Jr. Citado por Nobre (2002, p. 12):

Sua atividade como cordelista de extraordinária espontaneidade, grande domínio da forma e notável produtividade manifestada em variadíssima temática que abarca desde o conhecimento cotidiano até as biografias de grandes figuras da humanidade, passando pela crítica e pelas indagações filosóficas.

Passou a primeira infância e parte da adolescência em sua cidade natal, e aí foi educado pela família. Já na infância revela facilidade para memorizar e repetir os versos que ouvia e começa a criar seus próprios. No entanto, Gonçalo não tem boa voz para cantar seus repentes e é privado de expressar sua criação, pois não frequenta a escola e

⁸ Academia Brasileira de Literatura de Cordel do Rio de Janeiro. Informações sobre a instituição pelo *site* www.ablc.com.br



não sabe escrever ainda. Aos doze anos cria uma estrofe expressiva de sua relação com a cantoria e o cordel (NOBRE, 2002, p. 21):

Ao sentir a musa
Nem sei se escrevo
Pois durmo no enlevo
De instantes benditos,
Depois que desperto
Eu tenho a surpresa:
Lamparina acesa
E versos escritos.

Aos quatorze anos, assim como seus irmãos mais velhos, Gonçalo vai para o promissor sudeste e se instala na cidade do Rio de Janeiro. Cursa Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro entre 1970 e 1973. Embora graduado, Gonçalo não perde a ligação com sua terra. A formação crítica e o léxico mais amplo que os cordelistas do sertão não o impedem de tratar dos mesmos assuntos e atingir o mesmo público. Como membro exilado, pela necessidade, da população nordestina, o autor se preocupa em partilhar o conhecimento com os leitores/ouvintes. Seus escritos registram o sofrimento do nordestino e as agonias causadas pela seca.

Analisaremos dois folhetos de Gonçalo sobre atos violentos, face à abordagem da Revista Veja. Como o assunto violência é recorrente e imprescindível nos editoriais do país, vamos tratá-lo para observar no cotidiano como se dá a manifestação opinativa do poeta sobre os temas tratados nos meios de comunicação institucionalizados.

Para entendermos tais processos comunicacionais, analisaremos o folheto de cordel *O massacre de Eldorado dos Carajás* de julho de 1996, confrontando-o à matéria publicada na edição de 24 de abril do mesmo ano na Revista Veja. O fato ocorreu na Rodovia PA-150 na altura de Eldorado dos Carajás. Um grupo de manifestantes do Movimento Sem-Terra paralisou a rodovia requerendo do governo transporte e alimentos para chegar à Belém para uma passeata. O governador negou a solicitação e ordenou à polícia que liberasse a estrada. No confronto para desobstrução foram chacinados 19 manifestantes e mais de 60 pessoas ficaram feridas. Gonçalo inicia o poema com a introdução ao assunto sob a perspectiva do sentimento dos que receberam a notícia, o luto.

Ficou coberto de luto
E de vergonha o Brasil
Quando criminoso mão,
Cruel, desalmada e vil



Deixou o mundo chocado
Com o massacre de Eldorado
Em dezessete de abril.

(p. 1)

Nessa primeira estrofe, vemos se configurar uma espécie de *lead*⁹, que permite ao leitor perceber do que trata o texto, e por qual viés ele será abordado pelo autor. Nesse caso sob o viés sentimental. Enquanto a matéria da revista inicia introduzindo o leitor no cenário da tragédia facilitando a compreensão do assunto, nesta descrição procura-se fazer com que o leitor entenda como se transcorreu a ação, ou seja, liga a situação presente à passada para comprovar o que escreve: “Manchas roxas informam que tomaram chutes e pontapés, enormes buracos de bala e manchas de pólvora comprovam que foram dados tiros à queima-roupa” (REVISTA VEJA, 1996). Gonçalves critica a legislação e o histórico de opressão no Brasil. Nesse ato percebemos a ambientação, ou seja, a identificação do pobre, como aquele que é oprimido e sofre não só atualmente, mas desde a colonização. Narra ainda fatos em comum, o que provoca no público um sentimento de que o poeta é alguém que conhece a sua história e por isso também a viveu.

A lei faz-se ausente
Desde as miseráveis tendas
Dos escravos recebendo
Chicotadas nas fazendas;
De Araguaia a chacina
A grande carnificina
Praticada de encomenda.

(p. 2)

Na revista há uma descrição da forma como tudo ocorreu, dando-se atenção ao drama vivido pelas famílias para depois investigar as casas. Ainda sim, seu principal foco é sustentar o discurso imparcial, revelando como os fatos ocorreram, contando com o apoio de peritos e especialistas para confirmarem o que é dito.

O cordelista também narra como o fato se deu. Nos dois textos temos a informação de que “os policiais haviam arrancado do bolso da camisa a tira de pano costurada sobre velcro que os identifica, isto é, estavam com licença para matar sem que pudessem ser reconhecidos mais tarde.” (REVISTA VEJA, 1996). Já no cordel se dá da seguinte maneira:

⁹ Método utilizado pelo jornalismo para redação de matérias jornalísticas.



Quando o reforço chegou –
Duzentos homens armados –
Ficaram de prontidão
Comandante e comandado;
Sem identificação
Depois da execução
Jamais seriam encontrados.

(p. 4)

Nessa citação em comum podemos perceber que o trabalho do cordelista, até por sua posteridade, cerca de dois meses após o massacre, usou de informações veiculadas nos meios de comunicação. Embora exerça a função informativa do meio popular, o folheto é transmissor dos sentimentos de compaixão do autor e conseqüentemente de seu povo. Além disso, procura contribuir para outra ordem, o que o meio formal não permite. O folheto sugere que a participação popular seja capaz de mudar situações como essa:

Vamos todos, brasileiros
Levantar as nossas vozes
A favor dos camponeses
Que sofrem dores atrozes
E contra vis militares
Destruidores de lares
E assassinos ferozes.

(p. 6)

A abordagem da revista *Veja* e do poeta apresenta um panorama em que o massacre se deu. Em ambos os textos é possível perceber o caráter político como pano de fundo do fato. As narrativas conservam a função informativa, embora no cordel, o lugar em que a fala do poeta se dá é de quem tem maior conhecimento sobre esse tipo de assunto. Enquanto na revista a ideia editorial é de um meio que participa da formação do conhecimento dos leitores, como um colaborador, e não como um formador. Por isso, explora e fornece um contexto que levou ao fato (a falta de reforma agrária), enquanto Gonçalves contextualiza o ouvinte como parte da comunidade dos oprimidos. Foca nas várias formas com que o pobre foi excluído ao longo da história e como a classe dominante teve privilégios. Faz como que seu público reflita sobre o assunto enfatizando o caráter de luta de classes, enquanto a revista enfatiza a incapacidade política para dar cabo do problema.

No folheto *Meninos de rua e a chacina da Candelária*, Gonçalves apresenta uma cidade marcada pela violência e uma sociedade culpada pelo mal. Discorre sobre a



ausência de um posicionamento firme da administração pública para enfrentar esse mal. Assim como a revista, ele critica em sua obra a organização social que permite que se desenvolvam casos como o da chacina. Para o cordelista, atos como esse são fruto da miséria e da desorganização que gera pobreza. Critica inclusive a Igreja Católica e as campanhas promovidas pela Rede Globo em parceria com o Governo para arrecadar fundos para assistir famílias carentes e projetos sociais. Na fala do autor é possível perceber sua participação nos fatos e suas consequências, enquanto que no jornalismo da revista *Veja*, propõe um distanciamento entre o mecanismo informativo (a revista institucionalizada) e as pessoas que participaram do fato.

Nos textos de ambos os meios, os fatos são apresentados como consequência da organização social vigente. No caso da revista, o distanciamento provoca a funcionalização da notícia como instrumento de conhecimento. Na literatura de cordel, ao contrário, o *assemelhamento* produz um registro da vida, partilhado pelos leitores, que conseguem, por causa da arte, assimilar o que é narrado em sua vida. Nesse caso, conflitos entre patrão e empregado, banco de empréstimo e devedor, são identificados como exemplares das lutas e injustiças narradas nos folhetos.

Considerações Finais

A partir do estudo apurado dos cordéis de Gonçalo Ferreira da Silva e análise de duas reportagens publicadas pela Revista *Veja*, observamos que a Literatura de Cordel assume grande participação na reconstituição da notícia veiculada pelos meios de comunicação de massa, dando um olhar mais apurado e diferenciado em relação aos fatos ocorridos no Rio de Janeiro e demais cidades do país.

Pudemos entender os processos de comunicação de massa e os percalços enfrentados pela LC enquanto mídia de resistência. Compreendemos sua estrutura enquanto gênero literário e mecanismo de comunicação popular. Sua riqueza de léxico e discurso apurado na voz do poeta Gonçalo. O ponto de convergência entre esses dois meios de comunicação analisados – a revista e o cordel – é uma linha negritada que é percebida pelo olhar do poeta-reporter que imprime seus anseios, peculiaridades e desejos por meio da escrita apurada do cordel, deixando claro seu papel de cidadão a serviço de uma sociedade mais justa e humana. Assim, esse sujeito torna-se um porta-voz do povo para o povo. Ocorre, assim, a criação de uma linguagem popular: a notícia vira poesia, sendo legitimada pelo agente interlocutor – o povo.



Obviamente não podemos descartar a importância dos meios de comunicação de massa na transmissão da informação em larga escala, juntamente a seu papel social de levar a notícia às mais distantes regiões do nosso país e do mundo. Nosso propósito com esse trabalho foi descobrir e acentuar a LC como veículo alternativo cultural de comunicação.

Desse modo, analisando a velocidade com que as informações são transmitidas pelo *mass media*, ressalta um iminente complexo de capturação da mensagem. O sujeito passa a não responder com tanta presteza e perfeição as mensagens por esses meios transmitidas. A LC propôs um caminho contrário na mente do leitor que absorve a notícia a medida que lê o cordel, induzindo o mesmo a ter um olhar mais holístico e criterioso acerca do fato e não apenas ser receptor passivo da notícia. E na narrativa do cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, essa literatura propõe uma abordagem mais tática dos fatos e mistura à criação um toque de perspicácia e moralidade, singulares a esse tipo de comunicação. Detecta-se em suas obras o caráter crítico acerca dos fatos, o cumprimento de um papel sócio-educativo, elementos que compõem sua narrativa, bem como a repercussão de sua fala diante a sociedade que tem acesso as suas produções. O poeta-reporter assume o papel de levar o leitor a pensar, repensar e opinar sobre o que lê e não apenas receber a mensagem como dados noticiosos.

O presente estudo nos permitiu ter um olhar mais criterioso sobre os meios de comunicação de massa atuais e enxergar fissuras na construção do seu discurso. Seu propósito e caráter social, mas, sobretudo, de persuasão social que pretende muitas da vezes alienar o sujeito em resposta a objetivos de mercado e publicitários. Em contraponto, descobrimos um mecanismo advindo da cultura popular que assume um papel de mídia de resistência que ganha força na voz do poeta popular: a Literatura de Cordel.

Referências

A chacina das crianças da Candelária. **Revista Veja**. São Paulo, 28 de julho de 1993. Disponível em http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_28071993.shtml. Acesso em 31/03/11.

Sangue em Eldorado. **Revista Veja**. São Paulo, 24 de abril de 1996. Disponível em http://veja.abril.com.br/arquivo_veja. Acesso em 31/03/11.

ASSARÉ, Patativa do. **Patativa do Assaré uma voz do nordeste**. 3. ed. São Paulo: Hedra, 2002. 132p



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. De Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BELTRÃO, Luis. **Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BERGAMO, Mônica e CAMAROTTI, Gerson. Sangue em Eldorado. **Revista Veja**. São Paulo, 24 de abril de 1996.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias: apresentação de Dante Moreira Leite, prefácio de Otto Maria Carpeaux**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTELO BRANCO, Samantha. **Metodologia folkcomunicacional: teoria e prática**. In Métodos e técnicas em pesquisa de comunicação. 2. Ed. – 2. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel na sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine (Org.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. 3. Ed. – São Paulo: Editora Cortez, 2002

LUYTEN, José Maria. **O que é Literatura de Cordel**. São Paulo. Brasiliense, 2007. – Coleção primeiros passos; 317

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTINS, Clerton. **Antropologia das coisas do povo**. Org. Clerton Martins. São Paulo : Roca, 2004.

NOBRE, F. Silva. **Um cearense chamado Gonçalo**. Rio de Janeiro: Editora Milart, 2002.

RUFFINI, Suseny Maia Teles. **O espaço urbano na literatura de cordel: o olhar de Cuíca de Santo Amaro**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2009. p. 149. Disponível em: <http://www.posgeo.ufba.br/disserta%20C3%A7oes/O%20ESPACO%20URBANO%20-%20DISSERTA%20C3%87%20-%20SUSENY%20RUFFINI.pdf> Acesso: 10/06/2010

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **A natureza e o homem**. S. L., s. Ed., s. d.

_____. **A seca mais clamorosa da história do nordeste**. S. L., s. Ed., s. d.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **O massacre de Eldorado dos Carajás**. S. L., s. Ed., Julho de 1996.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Meninos de rua e a chacina da candelária**. S. L., s. Ed., Agosto de 1993.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Punhos Rijos**. S. L., s. Ed., s. d.

_____. **Sebastião o homem forte do tronco da Ibiapaba**. S. L., s. Ed., s. d.

_____. **Trigésimo aniversário da conquista da lua**. S. L., s. Ed., julho de 1999.